



As feridas de Vilma

Stefano Bolognini*, Bologna

O autor descreve o tratamento do caso de uma adolescente traumatizada. Essa descrição é feita com exemplificação direta, através do material das sessões, das dificuldades intrapsíquicas e interp-síquicas da paciente durante a terapia e fora desta. O aspecto específico desta contribuição situa-se na caracterização de uma contratransferência adequada – procurada e produzida por indução da paciente em relação às próprias necessidades inconscientes – adaptada ao de um avô. Ao analista é solicitado o desenvolvimento de uma função constante e paciente, próxima, mas não pulsionalmente acesa ou ardente, que alimente, ou aqueça, mantendo um baixo nível de evocação pulsional tanto no sentido da sexualidade quanto da agressividade. Propõe-se que a experiência traumática pode ser revivida e lentamente cicatrizada, se compartilhada com a lembrança experiencial também ao nível do self, mas com um procedimento suficientemente protegido e garantido que permita ir além da repetição traumática do trauma.

Descritores: Trauma. Adolescência. Avós. Self. Contato Ego/Self. Transferência Espécula. Transferência Gemelar.

* Membro da Sociedade Psicanalítica Italiana.



Introdução

Os apontamentos clínicos que apresentarei seguem um percurso duplo que se desenrola paralelamente: de um lado dizem respeito ao tratamento de um caso bastante impressionante de uma adolescente traumatizada, com exemplificações diretas através do material da sessão, das dificuldades intrapsíquicas e interp-síquicas dessa pessoa durante as sessões de terapia e fora delas. De outro lado, esses apontamentos envolvem uma figura do mundo objetal e familiar que, no meu ponto de vista, não foi considerada e valorizada adequadamente pela reflexão psicanalítica: refiro-me à figura do avô e às suas possíveis implicações como objeto que pode substituir os pais no desenvolvimento do sujeito e como um representante interno inspirador das funções psíquicas específicas do *eu* no contato com o *self*.

O pressuposto teórico dessa exploração psicanalítica é o seguinte: que tanto a vida quanto a análise permitem – em momentos particularmente significativos – a entrada de novos elementos no mundo objetal interno, mesmo depois do desenvolvimento infantil, desde que se criem as condições adequadas a uma introjeção eficaz; que esses novos elementos introjetados não se limitam a uma presença objetal inerte, mas que possam interagir com o resto do mundo interno e, sobretudo, modificar o enfoque e a disposição do *eu* central do sujeito no seu modo de testar o próprio *self*.

Isso é ainda mais importante nas situações traumáticas, nas quais o contato com a experiência do *self* foi dramaticamente fragmentado ou interrompido e nas quais o *eu* desenvolveu fortes estratégias defensivas para evitar a recordação, o contato e a pensabilidade em geral dos eventos traumáticos.

Apresentarei de modo bastante sintético, mas fiel, o material clínico e acrescentarei reflexões conclusivas desenvolvidas em *après coup*.

Material clínico

Vilma tem quinze anos, é uma jovem oriental (asiática) que foi adotada aos quatro anos de idade. Vive em um ambiente familiar urbano, afetivo, recebendo atenção suficiente; tanto é que seus pais a encaminham para que comece uma terapia de orientação analítica (de duas vezes por semana), preocupados por sua escassa presença mental durante o dia e pelo fracassado rendimento escolar. Vil-



ma aceita passivamente começar a terapia para agradar seus pais, mesmo percebendo-se que está pouco motivada.

Os dois primeiros anos caracterizam-se por sessões intermináveis, enfadonhas e estereotipadas, nas quais – manipulando o celular no decorrer de toda a sessão – fala pouco e somente a respeito de relações afetivas escassamente significativas, de maneira frívola e sem um verdadeiro contato interno. O material de superfície que produz, deste modo, é monotemático, com um estilo defensivo obsessivo que lhe serve para preencher o espaço e para evitar todo tipo de contato. Está em outro lugar.

Digo-lhe, certa vez, que falar sobre suas relações amorosas lhe servia para não pensar em outras coisas. No momento não comenta nada. Um dia depois, no entanto, me fala algo novo: “Estive na casa de meu avô (o pai da mãe adotiva), que tem oitenta e seis anos. *Me incomodou*; ele tinha uma ferida no pulso e uma no olho, porque tinha sofrido uma queda. Eu disse à minha mãe que não iria mais de uma vez por semana *porque me incomoda*.”

Eu penso em nós dois (feridas internas, frequência de sessões, etc.), mas decido esperar. A seguir, a meu pedido – de outra forma não falava –, aparecem algumas recordações fragmentadas e afetivamente isoladas de quando ela era pequena, recém-chegada à Itália, em relação a este avô que a cuidava frequentemente enquanto seus pais trabalhavam. Repete várias vezes, com intolerância e com raiva, a respeito de como vira o avô: “Me incomoda!”, voltando logo em seguida a utilizar o celular. Eu lhe pergunto: “Tiveste pena?”

Vilma responde: “Sim...me incomoda” (faz uma pausa, durante a qual percebo que me responde de maneira paradoxal; pareceria dizer que sim, que lhe deu pena, quando na realidade diz que não, que a incomodou; penso que há uma grande diferença entre uma e outra atitude).

Vilma continua: “Me incomodou vê-lo assim”. Indago-lhe: “Mas é por que te desagrada?”. Minha pergunta é propositalmente ambígua, pois pode significar duas coisas diferentes: “*Te incomodou* por que te dói, por que gostas muito dele, te dá pena vê-lo sofrer?” Mas também pode significar: “Te desagrada por que te incomoda de maneira geral ver as feridas e te dá raiva que te façam vê-las, perturbando tua tranquilidade?”

A paciente não sai da ambivalência e responde: “Sim, ...”, mas em seguida se evidencia um discurso de certo modo colateral, em que diz que ela foi “a luz de seus olhos”. Ainda não consigo entender bem se na realidade se sente perturbada afetivamente pelo avô, ou se está projetando nele toda a ternura (é ele quem a ama e não vice-versa) e o sofrimento (é ele quem está ferido e não ela), quando subita-





mente ela tira de dentro da sacola da escola e me alcança uma foto sua aos quatro anos.

Percebo que, de alguma maneira, tem a mesma aparência da atual, mas com um olhar apagado, triste, ausente. Se comparo a foto com a Vilma presente, há uma enorme diferença no olhar; agora está freqüentemente em outro lugar, mas se entende que está viva, que em todos estes anos se produziu uma reanimação. De qualquer modo, fico muito impactado por sua reação frente às feridas do avô.

Um ano e meio depois o avô morre. Vilma sofre visivelmente, mas evita ir ao enterro e nunca visita seu túmulo. Entra na sessão taciturna, fria, ativa. Brigou com seus pais porque voltou às 21:30 h como tinham combinado, no entanto acompanhada por Andrés, um namorado ocasional. Eles pensaram que tinham passado toda a tarde juntos e por isso ficaram brabos, quando, na verdade, o namorado saíra do trabalho às 19:30 h e apenas tiveram tempo de comer uma pizza.

Evita-me e permanece em silêncio, me diz que dentro de dois anos, quando for maior de idade, sairá de sua casa rapidamente. Por outro lado, sente-se *adotada* pela família de Andrés, *eles a entendem*. Na ênfase que dá ao expressar isto, em evidente controvérsia com sua família, percebo que há uma forte cisão do objeto (os pais dele, *bons*, os dela, *ruins*) e me pergunto o que pode estar acentuando esta cisão, considerando os níveis adolescentes habituais.

Vilma acrescenta que, na escola, está começando o trabalho como professora de jardim de infância e que ficará muitas horas por dia em meio a todas essas crianças, o que lhe lembra a própria infância. As palavras de seu pai, ao voltar para casa, a feriram. Depois de alguns instantes, como se não houvesse nenhum nexo, associa-o com suas *duas velhas cicatrizes* no rosto e na perna. Sente-se furiosa e, graças a isto, *recorda pela primeira vez que, quando lhe fizeram as feridas, eram um homem e uma mulher; a mulher a mantinha quieta*¹. *O homem batia nela com um cinto*.

Emociono-me muito com sua recordação e noto que sua brabeza está facilitando a memória, ou pelo menos algo parecido; mesmo que seja uma lembrança encobridora; de todas as formas, suas palavras são muito nuas e cruas, precisas, fortes, e me impressionam.

Recorda a cena: deveria ter três ou quatro anos; em seguida lembra que *a polícia a levou rapidamente e em seguida o instituto*: pequeno, poucas crianças, católico. (“Rezava-se, havia freiras”). Recorda que urinava na cama, que uma noite a pegaram e a jogaram numa banheira cheia de água. Mostra-se muito braba;

¹ N. R.: Manter quieta, no sentido de segurar.





sua família deveria tê-la deixado na Ásia, em seu ambiente; teriam tido menos problemas.

Na escola de ensino fundamental (dos seis aos dez anos), tudo transcorreu bem; no ensino médio (dos onze aos treze anos), por outro lado, sofreu discriminação racial e a excluía de reuniões com os colegas de aula, bem como dos aniversários. Mas não o contou aos pais para que eles não se sentissem mal. No ensino médio mais avançado (dos quatorze aos dezoito anos), ao contrário, não houve nenhum problema com seus colegas.

Reflico sobre seus conflitos e a respeito da grande confusão gerada na transferência: seus pais adotivos, amados, pagavam freqüentemente um preço altíssimo, no *aqui e agora* da família, pelas feridas infringidas no *lá e então* e na maior parte das vezes sem saber disto. Penso que com os equivalentes narcísicos, *outros si mesmos gemelar/especulares*, deu-se bem; com os pais e com seus equivalentes, tais como os professores, a transferência é devastadora. Eu também faço parte desta série, sou um objeto difícil para ela e penso que, se lhe falo a esse respeito rápido demais, *jogo-a numa banheira cheia de água/emoções/lágrimas*; devo esperar que as coisas evoluam de forma lenta e aceitável para ela.

Passa-se um mês. Vilma mostra-se cheia de raiva. As feridas tinham sido causadas por seus pais naturais: deu-se conta naquela vez, quando o pai *adotivo* entrara em seu quarto, furioso pela chegada tardia. Conseguira reconstruir que eram seus pais, estes dois de lá. Penso que *eram seus pais*, historicamente, porém *são ainda seus pais* de maneira atemporal. Em seu mundo interno, de todas as formas possíveis, eram seus pais naturais, *alibi et tunc*² na cena da recordação; são seus pais adotivos quando *a obrigam*³ e a acusam por qualquer coisa que não tenha feito; sou eu aqui e agora (*eu a tenho quieta na sessão* com o enquadre e corro o risco de fazê-la voltar a ter contato com suas feridas), todos *somos seus pais*, na eterna repetição do trauma.

De qualquer forma, não deseja voltar a falar sobre isso. Trabalhar no jardim-de-infância contribuiu para fazê-la recordar estes fatos, mas não sabe como. No Natal, daqui há uma semana, provavelmente visitará o túmulo do avô, o que até agora vinha evitando: “De verdade amei muito somente o vô.” (Compreendo que com este *de verdade* quer dizer *bastante bem, sem conflitos*, se comparado a seus pais). Em uma briga com seu namorado, começa a chorar pensando no avô: “O vô não vai estar no Natal”. Eu, que no Natal tiro dez dias de férias, começo a me sentir *o vô*.

² N. R.: Expressão latina que significa *lá e então, em outra parte e em outro tempo* e que corresponde ao oposto de *hic et nunc, aqui e agora*.

³ N.R.: *La costringono*, no original, significando *obrigar* no sentido de *forçar*.



No final de fevereiro termina o namoro com Andrés. Conhece, então, Francisco, um jovem alegre, que a faz rir *como o vô* e começa a pensar nele com mais frequência. Ainda não foi visitar seu túmulo, mas pensa que cedo ou tarde o fará.

Numa sessão de final de março, sente certas dores físicas, musculares e nos tendões. Mostra-me um quisto no pulso, pós-traumático: caiu ao escalar. Voltar a escalar com seu pai, que é muito esportista e que a convence a ir até a montanha com ele, a excita e a estimula a ser forte como um rapaz. No entanto tem acidentes com frequência. É verdade, e não entendo por que não se apercebem que, desta forma, ela se machuca continuamente, parecendo *uma história que se repete*, que volta a se colocar em cena de maneira circular pelo lado dela e de seus pais. Sem se darem conta, Vilma, de fato, chega à sessão sempre com novas feridas.

Sonhou, no primeiro sonho, que estava presente o avô, com quem falava, mesmo não recordando sobre o quê. Digo-lhe que consegue sonhar, ou seja, de uma certa forma, consegue pensar nele (é um modo de *visitar seu túmulo*). No segundo sonho *brigava intensamente* com seu pai, mas não consegue, por alguns minutos, associar nada a este respeito.

Nota, sem dizer-lhe, porque não acredito que seja uma observação convincente para ela, que esta briga onírica com o pai é narrada em continuidade à idéia de voltar a escalar em breve com ele; pensei várias vezes no perigo objetivo que ele a faz correr escalando. Vilma já se machucou várias vezes desta maneira. Penso que, de resto, eu também a exponho a uma escalada analítica e por isto provavelmente ela esteja braba comigo também. Em seguida diz que leu o jornal e que três notícias a impressionaram:

- a) o tiroteio no Iraque, no qual os soldados norte-americanos mataram o 007 italiano que estava salvando, depois de libertada, a jornalista italiana seqüestrada por guerrilheiros;
- b) um médico que, num ataque de loucura, matara a mulher e o filho, suicidando-se em seguida;
- c) o delito de Cogen, uma mãe que provavelmente matou seu filho pequeno, deficiente.

Penso que ela associa situações terríveis: os pais filicidas, mas também um *pai seu, 007, italiano*, morto de maneira violenta enquanto tentava salvar uma *Vilma/jornalista* prisioneira de um país estrangeiro. Penso em uma *Vilma prisioneira/criança institucionalizada* e imagino que se sentiria apavorada ao pensar em albergar também – com uma parte cindida de si mesma (*os norte-americanos*) – sentimentos de ódio transferencial em relação a seu pai adotivo, que realmente a salvou do orfanato asiático e, talvez, ainda em relação ao *analista/007* que está trazendo (*transferencialmente*) para fora da *prisão/isolamento* uma *Vilma/prisio-*



neira, sim, mas também *jornalista* (no sentido de estar conseguindo contar-me estas coisas, tornando conscientes/públicas estas fortes recordações). Tudo isto eu penso, mas não o digo porque não creio estarmos prontos para compartilharmos um jogo interpretativo deste tipo.

Os cenários traumáticos nos levam também, no *álibi et tunc*, à cena de golpes, inclusive com cintos, recebidos quando pequena, que Vilma, neste caso, não associa de maneira consciente. Ela assistiu a *Million dollars baby* (*Menina de ouro*) e se emocionou muito. Acredito que esteja pagando um tributo com esta associação, tributo este a um *pai adotivo/Clint Eastwood*, um norte-americano *bom*, agradando-o ao se mostrar forte como um homem, deixando o medo de lado).

Agora, no entanto, fala muito, associa com relativa continuidade; há uma sensível diferença em relação há um ano atrás. Passa a referir-se, bastante, ao *Ursinho Pooh* e, ao evocar com prazer as histórias do ursinho, torna-se infantil. Progressivamente a atmosfera se suaviza e eu experimento uma pura *contratransferência de avô*. Escuto-a com prazer, desperta-me ternura senti-la conversadeira; a impressão é de um tempo sem tempo, *tempo bem utilizado*.

Vilma diz que vai me mostrar no computador que está sobre minha mesa as fotos das férias nas montanhas com seus amigos. Penso que se trata de algo muito diferente do que fazia no início, quando, na sessão, olhava somente as mensagens e as imagens de seu celular. Ocorre-me pensar que devo *alojá-la* e tratá-la assim, como neta. Desta forma, tranquiliza-se e compartilha comigo pensamentos e recordações.

Pelo visto, essas coisas é o que estão me induzindo a pensar paulatinamente: sinto um *eu/avô* pouco pulsional, menos ocupado por tensões e menos ocupado com os conflitos; sinto que ela necessita de um objeto menos reativo do que, para ela, *foi e é* o objeto pais (*forte*, mas também muito excitante e, ao mesmo tempo, temível). Imagino aquele pai que a batia e depois aquele avô italiano que a fazia rir, tranqüila.

Discussão

Procurarei resumir em poucas frases uma possível primeira reflexão substancial sobre a clínica do trauma, restringindo-me, contudo, estritamente ao material apresentado.

O que Vilma me ensinou? Ensinou-me, mais uma vez, que as feridas sofridas sempre retornam, se o círculo vicioso da amnésia e/ou a anestesia não se



rompem (Freud, 1914, 1938) e que as feridas, verdadeiras *memórias corporais*, se re-apresentam sempre, porque pedem para serem re-conhecidas, re-vividas completamente e, no final, se possível, transformadas em recordações; que, de todas as maneiras, o problema não é o *saber* cognitivo – no sentido de ser informado sobre os fatos traumáticos ocorridos –, mas saber encontrá-los – de maneira direta, ou através de seus equivalentes – com suas cores originais e seus afetos concordantes através de um contato vivido re-integrador que permita uma re-conexão do *eu* e do *self* (Bolognini, 2002). enquanto o vivido no presente é sempre invadido pelo que foi vivido no passado, através da transferência, o futuro, o *todas as vezes que...*, também é hipotecado pela transferência, – se não se pode re-visitá-la, analisá-la e modificá-la juntos, experimentando-a também com o próprio *self*.

Vilma ensinou-me a me deixar transformar por ela, aos poucos, em um objeto mais adequado a suas necessidades insaturadas, em seu caso, em um objeto mais tranqüilo e paciente, não indiferenciado e narcisicamente especular como os *amigos/outros eus* gemelares-especulares (Kohut, 1971; Bolognini, 2005), mas mais parecido com aquele que havia encontrado na vida na figura deste avô adotivo, capaz de contrabalançar, com seu afeto parcialmente despulsionalizado, o descontrole violento e agressivo do pai primitivo histórico e do pai interno.

Agrada-me, definitivamente, a idéia de que se possa abandonar progressivamente o cenário sadomasoquista de *Million dollars baby* (*Menina de ouro*), no qual se repetem as feridas sem que ela as recorde, na desesperada busca por apreciação paterna desejada espasmodicamente às custas da própria integridade. E considero o aparecimento na sessão do *Ursinho Pooh* e de todo o universo dos ursinhos não como uma frívola regressão infantilizadora, mas sim como o feliz reencontro com uma etapa necessária que esperamos dividir sem pressa nos próximos meses.

Do ponto de vista teórico, pode-se discutir se, no uso psíquico do ursinho feito por Vilma no decorrer das associações, há uma possível referência à experiência do objeto transicional (Winnicott, 1971), mas não tenho certeza de identificar aqui o típico caráter pré-simbólico do objeto inanimado. Parece-me que a representação *humanizada* do ursinho talvez já possa ser usufruída pela jovem paciente com algum significado ao menos proto-simbólico.

O ponto, a meu ver, mais *misterioso* e interessante parece-me, na verdade, em vez disso, o seguinte: que coisa poderia ter autorizado Vilma e seu fluxo associativo a passarem deste filme lindo, embora triste, para a história do urso tão querido pelas crianças?

Talvez uma passagem dessa ordem seja um mistério, *menos misterioso* que em outra época, para os analistas contemporâneos que, ao longo de um século de



psicanálise, aprenderam muito sobre o recordar e sobre o reelaborar para não repetir, sobre poder finalmente regredir concedendo-se enfoques internos e externos menos defensivos (Balint, 1959). E também a respeito da possibilidade de integrar progressivamente e de maneira reparadora a experiência cindida dos indivíduos traumatizados.

Se, de um lado, para Vilma, a necessidade de conquistar o amor dos pais e de seus equivalentes parece ainda passar pelo repetitivo *enfrentamento de traumas que ferem* (as perigosas escaladas na rocha, como o ringue de boxe de Clint Eastwood, possíveis reedições do sadomasoquismo protofamiliar na desesperada tentativa de valorizar-se para o outro mostrando-se forte, e, ao mesmo tempo, de controlar ativamente, com alguma habilidade, as circunstâncias traumáticas pelas quais, em vez disso, passou passivamente). Por outro lado, a necessária experiência fundante e constitutiva do senso de si e de uma própria bondade intrínseca parece ter sido alimentada por momentos de acolhimento *absoluto*, certamente fornecidos, também, pelos novos pais e pelo avô quando a via como *a luz de seus olhos*.

Talvez esta contribuição de enriquecimento e de confirmação narcisística também seja rapidamente solicitada ao analista na transferência, por exemplo, quando – na primeira das sessões relatadas – me mostrou, espontaneamente, a foto de si mesma, triste, aos quatro anos, na tela do telefone celular.

Acredito que, mostrando-se de modo assim direto pequena, sofredora e sem vitalidade externa, quisesse tornar-se *a luz dos meus olhos* e transferir essa luz – uma necessária e providencial luz primária materna enamoradora – para a menina da foto que, na verdade, não tinha nenhuma luz nos próprios olhos.

Essa *luz* parece dizer respeito a uma valorização, a um ganho narcísico primário que as crianças pequenas geralmente recebem instintivamente de suas mães e do ambiente familiar e que, nesta paciente, parece ainda corresponder a uma necessidade profunda não satisfeita.

Gostaria de dedicar, enfim, uma reflexão posterior à figura notável deste avô, que foi se apresentando no decorrer deste tratamento e de toda a história da paciente na dupla função de *objeto* (de maneira explícita e evidente): o avô como interlocutor tranqüilamente agradável e amável e pelo qual é amada de modo pouco ambivalente e não pulsionalizado e de *função egóica introjetada* (de modo implícito e perceptível somente através de uma análise acurada de seus efeitos sobre Vilma e das suas evocações na contratransferência). Ou seja, o fato de que o *eu* central de Vilma possa funcionar psiquicamente como o avô, ao tratar, pensar e confiar no *self* da própria Vilma.

Como objeto, o avô parece agora solicitar a Vilma um trabalho do luto nada





Stefano Bolognini

fácil, não somente pela sua importância na vida da neta, mas também e mais especificamente pela particular dificuldade e imaturidade do *eu* de Vilma para tolerar e enfrentar a dor mental e pela conseqüente inclinação a recorrer a vários tipos de defesas com o objetivo de não entrar em contato com ele novamente. Sob este aspecto, de qualquer forma, a história psíquica de Vilma, no que diz respeito ao avô, não apresenta desdobramentos particularmente diferentes referentes à maioria das situações de luto não elaborado que encontramos durante nossos tratamentos.

É verdade que a experiência de *retirada* (mesmo que oportuna e necessária) do primeiro ambiente familiar torna as crianças adotadas muito propensas a privilegiarem, também, em seguida, soluções de *total apagamento* do objeto no caso de separação. Contudo, no caso de Vilma, não me pareceu haver um aspecto de nítida negação (*Verleugnung*) com relação a este avô, mas sim uma reconhecida e mais benigna dificuldade de reaproximar-se fisicamente (no túmulo) e afetivamente (com a dor) dele.

Parece-me que a complexa *função* desta figura na dinâmica biográfica e na vida psíquica da paciente e na conseqüente reproposição transferencial-contratransferencial em análise é verdadeiramente importante. Esta moça foi, ao mesmo tempo, ferida e super-excitada, todavia, cada vez mais freqüentemente com o decorrer do tratamento, parece encontrar espaço para o pensamento e – com mais esforço – para a recordação.

Sei que ainda temos muito trabalho a ser desenvolvido conjuntamente, mas acredito que posso me sentir autorizado a formular esta consideração final: através da convivência psíquica elaborativa com um objeto competente, presente e disponível, a psicanálise contemporânea propõe aos sujeitos traumatizados uma re-visitação mais experiencial, mais intrapsíquica e mais compartilhada das feridas sofridas, transformando o sofrimento em algo menos mudo e solitário. □

Abstract

The wounds of Vilma

The author describes the treatment of a traumatized teenager. This description is done with the use of direct examples by quoting material from the analytical sessions displaying the patient's intrapsychic and inter-psychic problems in the therapy and in her life. This paper shows the search for an adequate countertransference looked for and induced by the patient's own unconscious needs, which she adapted to the need for an grandfather. The analyst is always required





to be constant and close with no alight or intense drives, feeding and warming up, but keeping a low drive profile both for sexuality and for aggression. It is suggested that the traumatic experience can be relived and slowly healed by sharing experiential memories at the level of the self by means of secure and protected procedure enabling the patient to go beyond repetition of the traumatic experience.

Keywords: Trauma. Adolescence. Grandparents. Self. Ego/self contact. Mirror transference. Twin transference.

Resumen

Las heridas de Vilma

El autor describe el tratamiento del caso de una adolescente traumatizada. Esa descripción se hace con ejemplificación directa, a través del material de las sesiones, de las dificultades intrapsíquicas e intersíquicas de la paciente durante la terapia y fuera de ésta. El aspecto específico de este aporte está en la caracterización de una contratransferencia adecuada – buscada y producida por inducción de la paciente respecto a las propias necesidades inconscientes – adaptada a lo de un *abuelo*. Al analista, se solicita el desarrollo de una función constante y paciente, próxima, pero no pulsionalmente *encendida* o *ardiente*, que alimente, o caliente, manteniendo un bajo nivel de evocación pulsional tanto en el sentido de la sexualidad como de la agresividad. Se propone que la experiencia traumática puede ser revivida y lentamente cicatrizada, si compartida con el recuerdo experimental también en nivel del self, pero con un procedimiento suficientemente protegido y garantizado que permitirá ir más allá de la repetición traumática del trauma.

Palabras llave: Trauma. Adolescencia. Abuelos. Self Contacto Yo/Self. Transferencia Especular. Transferencia Gemelar.

Referências

- BALINT, M. ; BALINT, E. (1959). *Thrills and regression*. London: Tavistock, 1959.
- BOLOGNINI, S. (2002). *La empatia psicoanalitica*. Buenos Aires: Lumen, 2004.
- . (2005). Reconsidering narcissism from a contemporary, complex psychoanalytic view. In: VARCHEVKER, A.; MCGINLEY, E. (editores). *Melancholia and narcissism through the life cycle: psychoanalytic essays*. London: New Library of Psychoanalysis; Routledge. No prelo.





Stefano Bolognini

FREUD, S. (1914). *Ricordare, ripetere, rielaborare*. In: *Opere di Sigmund Freud*. v. 12. Torino: Boringhieri, 2003, p. 147-152.

———. (1938). *L'uomo Mosè e la religione monoteistica: tre saggi*. In: *Opere di Sigmund Freud*. v. 23. Torino: Boringhieri, 2003, p. 7-134.

KOHUT, H. (1971). *The analysis of the self*. New York: Int. Univ. Press, 1971.

WINNICOTT, D. W. (1971). *Playing and reality*. London: Routledge, 2005.

Recebido em 27/12/2005

Aceito em 14/03/2006

Tradução de **Janisa Antoniazzi** (italiano) e **Karina Brodski** (espanhol)

Revisão técnica de **Gisha Brodacz**

Stefano Bolognini

via dell'Abadia 6

401222 – Bologna – Itália

© Revista de Psicanálise – SPPA

